



Por uma cultura de paz

115. RedeUnaViva: Meditação Cristã 115 – paragem 133 – 27.11.2016

MARCOS 8:22-26 (MARCOS 7:31-37)

A CURA DO CEGO DE BETSAIDA

Cura 12

115.1 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Que associações podem ser feitas entre esta cura e as outras duas realizadas neste tempo de Retiradas (da filha da mulher cananeia e a do surdo-gago)?
2. Por que Jesus emprega, neste caso, um modo de curar parecido com a cura do surdo-gago (Mc 7:31-37 - MC-111)?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Para alcançar o estado meditativo, em que a minha visão pode contribuir?

115.2 Introdução: Entendendo as referências evangélicas dos sinais.

É curioso que depois de enfrentar a cegueira espiritual dos fariseus e saduceus, e até mesmo a dos discípulos íntimos, como pode ser constatado nas duas últimas MCs (114 e 113), chegando em Betsaida – seu destino nesta nova etapa do Retiro – o enfermo trazido para a cura seja um cego.

Pela similitude entre este e o caso de cura recente, o do gago-surdo de Decápole, rememoraremos este para que auxilie no estudo, por meio de uma análise comparativa.

Guardam certas semelhanças: 1) ambos ocorrem nesta época das Retiradas; 2) são exclusivos da lavra de Marcos; 3) os conteúdos do processo da cura, que serão



Por uma cultura de paz

comentadas no estudo abaixo; 4) e por último, aventaremos o fato de serem focalizados os dois órgãos de sentidos mais importantes do ser humano – a audição e a visão.

De antemão apontamos para os símbolos destes órgãos que caminham juntos com suas funções. A audição, intimamente vinculada à fala, é função atrelada à comunicação, recurso que a espécie humana adquiriu e requintado quando comparado à comunicação própria dos outros animais. Muitos estudos já revelaram aspectos avantajados de comunicação entre animais e até mesmo entre vegetais. Mas não se pode deixar de enaltecer a grandeza que esta adquiriu para nós, humanos. No entanto, para prevalecer a boa comunicação é imprescindível o entendimento liso entre as partes, muito embora, tantas vezes, é o contrário, a comunicação servindo para ampliar a compreensão entre as partes que se colocam em contato. Há muito o que ser obtido quando são postos em interação.

É preciso, ainda, destacar a existência de um tipo de comunicação afeita à visão. É comum dizer que o olhar tem o poder de comunicar, diretamente, aquilo que vem da alma. É dotado de poder especial pois, dependendo da ascendência de quem o emite, produz efeitos superiores ao da fala. Chamam-na de para-linguagem ou de linguagem corporal, mas quanto aos olhos e ao olhar em vez de função coadjuvante, poderão, no futuro, assumirem o papel principal na comunicação. Funcionarão, então, não apenas como *radar* da alma, mas também como uma espécie de *radioemissor*. Talvez a tão rarefeita comunicação telepática seja um tipo de linguagem potencial que guardamos como recurso a ser usado no futuro da humanidade. Na atualidade, apenas alguns, em condições especiais, conseguem, embrionariamente, fazer uso desta faculdade adormecida.

Por último, não esqueçamos da exortação do Cristo a respeito de um papel que nos cabe nesta comunidade planetária incipiente. Quando disse “vós sois a luz do mundo” (Mt 5:14), associou esta condição aos nossos olhos, pois, acrescentou: “a candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz” (Mt 6:26).

Enxerguemos, pois, o que estes cinco versículos do capítulo 8 de Marcos, e ainda, pela segunda vez, os outros seis que fecharam o seu capítulo sete, têm a oferecer em benefício do nosso aprimoramento espiritual, a fim de que tenhamos “os olhos de ver”.

115.3 Evangelho-parte 1: Em Betsaida, trazem um cego para que ele o cure com o toque. (Mc)

Mc 8:22. E ele chegou a Betsaida. E trouxeram-lhe um cego, e solicitaram-lhe que o tocasse.



Por uma cultura de paz

Mc 7:32. E trouxeram-lhe um surdo e gago, e pediram-lhe que pusesse a mão sobre ele.

1. Após a travessia, chegou Jesus com os apóstolos em Betsaida. Trouxeram-lhe um cego, solicitando que o tocasse.

115.4 Evangelho-parte 2: Busca o isolamento para proceder a cura. (Mc)

Mc 8: 23. E tendo segurado a mão do cego, levou-o para fora da aldeia; e cuspiu-lhe nos olhos, pôs as mãos sobre ele e perguntou-lhe: "Vês alguma coisa"?

33. Tirando-o da multidão, Jesus levou-o à parte, pôs seus dedos nos ouvidos dele e, cuspiu, tocou-lhe a língua.

34. Depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: ephphetha, isto é, "abre-te"!

2. Segura a mão do cego e o leva para fora da aldeia.
3. Cospe-lhe nos olhos, põe as mãos sobre ele e pergunta-lhe: "vês alguma coisa"?

115.5 Evangelho-parte 3: A cura se completa. (Mc)

Mc 8: 24. Este, começando a ver, disse: "Vejo os homens, porque, como árvores, os vejo andando".

25. Então de novo lhe impôs as mãos sobre os olhos e ele enxergou em redor e foi curado e discerniu tudo nitidamente mesmo ao longe.

35. E foram abertos seus ouvidos, e logo se lhe rompeu o freio da língua, e falava corretamente

4. Começando a ver, responde: "suspeito ver homens, pois são parecidos com as árvores, com a diferença que andam".
5. O Cristo impõe-lhe de novo as mãos sobre os olhos e ele enxergou em redor e foi curado.
6. Discerniu tudo nitidamente, mesmo ao longe.

115.6 Evangelho-parte 4: Recomenda-lhe o isolamento. (Mc)

Mc 8: 26. E mandou-o para sua casa, dizendo: "Nem entres na aldeia".

36. Recomendou-lhes Jesus que a ninguém o dissessem; mas quanto mais o recomendava, tanto mais eles o divulgavam.



Por uma cultura de paz

37. E admiravam-se imensamente, dizendo: “Fez bem todas as coisas: faz os surdos ouvirem e os mudos falarem”.

7. E mandou-o para sua casa, recomendando: “Nem entres na aldeia”.

115.1. Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Por que Jesus emprega, neste caso, aquele modo diferente de curar, parecido com a cura do surdo e gago (Mc 7:31-37 - MC-111)?

Nesta época das Retiradas são mencionadas três curas – a cura a distância da filha da mulher cananeia; a do surdo gago; e esta, a do cego de Betsaida. Muitas outras foram realizadas, conforme relato de Mateus (15:29-31), mas foram estas que os evangelistas escolheram para contar seus detalhes. Marcos narra as três, mas Mateus, apenas a primeira.

Se for averiguado, sob a ótica das três, daquilo que carecemos para o usufruto da saúde espiritual, primeiro implicará em estarmos livres de influências espirituais deletérias, o que depende do equilíbrio do mundo íntimo, pois, através do que aí é cultivado, atraímos companhias, encarnadas e desencarnadas. Os bons espíritos podem doutrinar nossos desafetos desencarnados, afastando-os de nós. Mas para alcançar em definitivo a condição desta cura, é necessário erigir em si a imunidade moral. Daí a importância do trabalho da reforma íntima.

Aquilo que é cultivado internamente depende da nossa filosofia de vida, dos valores usados para ajustar a própria conduta. Esta é o nosso cartão de visita, sustenta ou capenga nossa individualidade. Entender o significado de estarmos aqui, neste planeta, é saber ler o código de leis que determina o carma. Com este conhecimento superamos a ignorância básica que ainda campeia no planeta. Em associação com as curas, com a terceira, isto corresponde à libertação da cegueira do espírito.

Consequência inevitável desta jornada é o estabelecimento de uma rede de contatos e trocas (a rede da vida), que implica em vínculos de convivência, cujos nós da rede são ocupados por familiares, amigos e colegas, principalmente. E para que esta permuta saia a contento cumprindo a função que lhe é própria, a boa comunicação é imprescindível. Para realizarmos a comunicação operativa é preciso conquistar a liberdade da surdez do espírito, atinente à segunda cura.

Por isto tantas e tantas vezes o Mestre aplicou a frase, “ouça os que têm ouvidos de ouvir”, “veja os que têm olhos de ver”. Não ter estes olhos é estar cegos, e cegos ficamos comprometidos no conhecimento essencial. Falta o mapa que indica o porto de



Por uma cultura de paz

chegada. E falta a bússola diretora do leme da vontade. Não ter os ouvidos de ouvir, é ser incapaz de escutar a intenção e as deficiências do interlocutor. Falta o tradutor que indica o estágio do outro. Falta o discernimento para escolher o idioma a ser empregado no retorno.

De acordo com a filosofia da Jornada Real – nosso programa de autoconhecimento e autotransformação – a construção e desenvolvimento da personalidade passam por três dinamismos, a fim de se amadurecer no quarto e de se realizar no quinto.

No dinamismo matriarcal clamamos por mãe amorosa e cuidadora ou agimos como tal. No dinamismo patriarcal, precisamos de pai que cerceia e provê ou operamos como tal. No dinamismo filial, a partir da ferida narcísica da falta, da fragilidade e do desamparo, precisamos encontrar recursos internos para uma ação equilibrada no mundo. Este é um longo aprendizado. Se ele evolui, podemos adentrar e agir no dinamismo da alteridade, onde, aprender a respeitar e valorizar o outro, guiados pelo regime de igualdade de direitos e deveres, torna-se a tônica do relacionamento. À medida em que este dinamismo é cultivado, a pessoa adquire a possibilidade de fazer escolhas adequadas sobre o comportamento que mais lhe cabe na inter-relação pessoal. Se cabe ser mãe, pai ou filho, e ainda, se pode chamar o outro para interagir com base na dinâmica da alteridade. Ainda saberá que à sua frente o dinamismo do amor e da sabedoria lhe atrai como ideal, porque todo aquele que o adentra conquista um lugar auspicioso no reino de Deus.

Ter os olhos de ver a situação em que se encontra, externa e internamente, e os ouvidos de ouvir o interlocutor, redundam em ser capaz de escolher em qual destes dinamismos irá atuar para obter o melhor resultado para si e para outro, como fruto do encontro. Nesta condição, a cura do espírito propicia galgar os cimos mais altos do caminho e a realizar as funções mais nobres na obra de Deus.

2. Por que Jesus emprega, neste caso, um modo de curar parecido com a cura do surdo-gago (Mc 7:31-37 - MC-111)?

Marcos, o único a narrar estas duas curas, deve ter sido atraído pela curiosidade do método similar empregado nestes casos. Ambas ocorrem na época das Retiradas. A primeira, do surdo-gago, que acontece na costa além Jordão, isto é, margem leste do Genesaré, e a segunda, do cego, ao norte do grande Lago.

Nos dois casos Jesus retira o assistido da multidão, por preferir fazer a cura em isolamento. Eles não trazidos e não vêm de moto próprio. Precisam de apoio e não se comportam como outros que se auto determinaram na busca da cura. Lembro-me do leproso que se posta à entrada de Cafarnaum com o firme de propósito de ser



Por uma cultura de paz

purificado pelo Cristo, certo de que apenas bastaria o distinto galileu *querer*. E já que era assim, o Mestre *o quis*. “Quero, fica limpo” (Mc 1:41 – MC-42).

O procedimento de cura utiliza a saliva, a secreção oral do Mestre. Num, toca-lhe a língua, noutro, os olhos. No primeiro, ergue os olhos para o céu, suspira e diz abre-te (ouvidos e fala); no segundo, já pergunta: “vês alguma coisa”? Se no primeiro a cura é instantânea, neste ele carece de nova etapa. Um passa a falar corretamente, o outro demonstra alguma imprecisão na sua acuidade visual. Não distingue, muito bem, homens de árvore.

Se nossa inépcia espiritual reclama ajuda de terceiros, que bom que os há, pois estimulam-nos, apontam-nos, e outras vezes nos tomam pelas mãos, chegando até a nos carregar. Que bom que os há! Pois diminuem a distância entre a condição vulgar do ego, que não compreende as principais leis da vida, e aquela luminosa do Mestre. Suas sugestões facilitam o percurso de volta para casa. Depois de atravessar a fronteira do seu círculo íntimo, temos de nos deparar a sós com o Mestre. Ali, ambos tiveram este momento precioso de intimidade, cujo contato com sua saliva se apresenta com grande simbolismo. A fé popular acreditava no poder curativo desta secreção, principalmente quando o taumaturgo praticava o jejum. O jejum do Cristo era o mais valeroso, o de não se imiscuir nas querelas humanas. Estava sempre voltado para o alto, em comunhão com o Pai, para o desempenho preciso de sua missão. Curava com, sem ou através da saliva. Curava e cura.

Se num primeiro contato somos despertados para a espiritualidade, mas não de forma convicta, se a entrega não é absoluta, é preciso incrementar o mergulho interior, descobrindo aquilo que carece de mais trabalho, de mais realização. Com a prestimosa ajuda do Nazareno, ele, após a segunda intervenção, passou a enxergar com nitidez, inclusive à distância.

As duas faculdades sensitivas que tornam o ser humano mais humano são, sem sombra de dúvida, a audição e a visão. Tirando o tato, que apesar de se espalhar por todo o corpo, é superficial, pois é presente na pele e mucosa, na interface entre o corpo e o meio ambiente, os demais sentidos obedecem uma hierarquia topográfica vindo de baixo para cima. Então, da superfície, tato, para o alto, subindo os degraus de uma escada imaginária, afeita à verticalidade do corpo. Corpo que se dispõe como uma vara que liga a terra ao céu. E nesta sequência vamos do baixo e superficial para cima e profundo. Depois do tato na pele, vem o paladar na boca, o olfato nas narinas, a audição nos ouvidos, e a visão nos olhos. Participam também, nesta sequência, através de uma interconexão de sensações hierarquizadas, que traçam um bordado fisiológico no desenvolvimento infantil, e servem para o despertar da alma na matéria. Isto corresponde à corporificação, como nos ensina a Ontogênese do Ego. Não vamos entrar em detalhes sobre este processo de construção da nova personalidade da alma, na sua encarnação, mas apenas destacar a importância destes dois sentidos superiores, que são a audição e a visão, nesta corporificação.



Por uma cultura de paz

São dois sentidos essenciais – os últimos, a audição e a visão – para que o ser humano seja o humano que é, como já mencionado. Neste particular, úteis para a comunicação entre os indivíduos para estabelecer e realizar o objetivo dos seus encontros e interações. Toda interação humana visa o estreitamento e a densificação dos vínculos, já que, mais lá na frente, ainda a se perder de vista, estaremos consubstanciando a grande colmeia humana – um organismo vivo, operando novas funções como individualidade planetária, no concerto cósmico. Mais isto, bem mais lá para frente, quando tivermos conquistados a integridade da comunidade humana, em moldes pacíficos e amorosos. Quando isto estiver acontecendo, o grande meio de comunicação entre os seres humanos entre si, e desta individualidade planetária, será através da visão, o olhar. Estaremos usando a luz e a comunicação telepática. Enquanto não chega esta condição madura, precisamos de nos contentar com este grande sentido, porque é grandioso mesmo, a audição. Ela propicia, junto com o aparelho fonador que permite emitirmos sons – aqueles que se transformam em sinais inteligentes e inteligíveis – a constituição da linguagem humana articulada, um bem extremamente precioso da espécie. Ela é a ferramenta competente para que façamos da nossa comunicação, pequena, no círculo pessoal, e extensa, no campo institucional das organizações administrativas e políticas da vida social, um meio para alcançar a excelência do encontro e das trocas visando objetivos nobres.

Mas mesmo enquanto isto não acontece é preciso estarmos a caminho da nossa visão excelente, com a ajuda do Mestre interior a fim de que enxerguemos bem e longe.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Para alcançar o estado meditativo, em que a minha visão pode contribuir?

Para que eu assuma a condição de candeia que o Mestre reservou para todo cristão, neste vale sombrio, esforço-me para que meus olhos sejam bons. Se a maldade do meu olhar enxergar a negatividade alheia seja minha precaução eficiente para não dar vaza à crítica superficial e desnecessária. O amigo, certamente, a conhece e já faz ingentes esforços de superação.

Para que eu seja a luz do mundo, conforme induziu-nos o Cristo no Sermão do Monte, trabalho para que meu olhar seja puro. Se a malícia emergir discriminando segundas intenções nos planos do vizinho, que haja tempo para que o eu desperto, autoconsciente, não permita o domínio e a expressão dos padrões antigos. Que minha recusa em participar seja um silêncio pedagógico, enquanto educo a mim mesmo.

Que o exercício seja diário para divisar na agressão recebida antes a enfermidade do que a ofensa. E na maledicência contra terceiros que escuto, o mesmo impulso, que sob intensa vigilância, vou retirando de mim. Como careço tanto do Mestre para curar meu olhar oblíquo, deste mal também o próximo padece e por este auxílio, nos conflitos de consciência, é possível que ele clame.



Por uma cultura de paz

A fim de contribuir para que este planeta seja terra de amor, cabe-me cuidar das minhas relações imediatas para que sendo o meu olhar discriminador do melhor, incentive e apoie o outro no mesmo processo de autotransformação em que me inseri.

Estou certo de que ajudo a transformar o mundo modificando não o outro, mas a minha relação com ele, a partir da minha autotransformação. O quanto o olhar educado e disciplinado contribui para encontrar a ação cabível de acordo com os planos do Reino.

Estudo diariamente as pegadas do Mestre, claras como reveladoras do código a ser cumprido, para que no seu encalço eu distinga meus passos de aprendiz.

Se eu mirar nas belezas que a Terra expõe saberei enxergar a mão do artista criador. As flores, suas cores e perfumes; as águas, seus mares e cachoeiras, a chuva fina fertilizadora; o sol, seus poentes e nascentes; o céu, seus azuis e estrelas; a lua, seus quartos e suas cheias; tudo conspira arte e esplendor. O próprio ser humano, quando posto em galeria. A mãe, seus aleitamentos e sorrisos; o filho, suas inocências e entregas; o pai, suas forças e seus proventos; o operário, em dedicação servidora; o poeta, em lavra inspirada e inefável; o cientista, em curiosidade abnegada e benfeitora; o místico, em fé com transcendência. São tantos os objetos expostos nas vitrines da vida me convidando a admiração e a reverência, que tanto me alentam o coração, que, em definitivo, estão a me transmitir, em silêncio eloquente, que sou mesmo um filho de Deus.

Sento-me banhado pela beleza sacrossanta que meus olhos divisam e, fertilizado e prenhe, só me cabe a luz.

115.7 Versículo(s) para a meditação: Marcos 8:25

“Então de novo lhe impôs as mãos sobre os olhos e ele enxergou em redor e foi curado e discerniu tudo nitidamente mesmo ao longe”.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 116 – paragem 133 – 04.12.16
MATEUS 16:13-20; MARCOS 8:27-29; LUCAS 9:18-21